



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física
Licenciatura em Educação Física

MARIANA BARROS E SILVA CAMPOS

Constrangimento nas aulas de educação física escolar

Trabalho de Conclusão de Curso

Brasília

2017

MARIANA BARROS E SILVA CAMPOS

Constrangimento nas aulas de educação física escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Educação Física, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada¹ em Educação Física.

Orientador: Alexandre Luiz G. de Rezende

Brasília

2017

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os professores que se esforçam todos os dias no intuito de melhorar a qualidade de aprendizado de seus alunos, mesmo com tantas adversidades encontradas no caminho.

Agradecimentos

Agradeço à minha família, amigos, professores que sempre me deram todo o apoio necessário para que eu pudesse continuar nessa trajetória, e ajudaram não só na minha formação acadêmica, mas na formação social tornando-me uma cidadã mais consciente.

“Nada é pequeno se feito com amor.”

Santa Teresinha do menino Jesus

“Nessa corrida desesperada alimentam cavalos de competição, não crianças. Forçar crianças a carregar o fardo de suas ambições.... É pior que trabalho infantil. E se a criança não puder carregar o fardo? Quando eles irão entender? Toda criança é diferente. Cedo ou tarde irão aprender. Cada um em seu ritmo. Cinco dedos diferentes formam uma mão.”

Como estrelas na terra.

Sumário

Resumo	8
Introdução	9
Objetivo Geral	15
Flexibilização Educacional	16
O cenário educativo	17
Ciclo de mediação.....	19
Recursos auxiliares para construção da experiência de aprendizagem mediada.	22
Métodos	25
Resultados	28
Descrição do Cenário Educativo	30
Conjuntura sociopolítica e comunitária	30
Ambiente familiar	30
Contexto escolar	30
Descrição da Situação Educativa.....	31
Educador e Educando(s)	31
Proposta pedagógica	32
Situação educativa selecionada.....	32
Análise e Discussão	35
Análise do Ciclo de mediação	36
Descrição das 4 fases de comunicação.....	36
Definição da direção do ciclo de mediação.....	38
Identificação da interrupção do ciclo de mediação.....	38
Análise dos recursos auxiliares: Experiência de Aprendizagem Mediada	39
Inversão da direção do ciclo de mediação	39
Regulação do nível de dificuldade	39
Utilização de estratégias de motivação	40

Mobilização da atenção	40
Análise de uma variável chave por uma teoria adicional	41
Identificação de variável chave p/ atividade educativa.....	41
Considerações Finais.....	42
Referências Bibliográficas.....	43

Resumo

O estudo a seguir segue a linha de pesquisa sobre Flexibilização Curricular, que presa pela individualização do processo ensino-aprendizagem para melhorar a qualidade de ensino do educando.

Como parte das atividades de estágio supervisionado, tivemos a oportunidade de acompanhar as aulas de Educação Física em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada de Brasília/DF, e observamos o problema do atendimento individualizado onde uma das alunas que foi exposta a uma situação grave de constrangimento diante dos colegas deveria ser melhor acompanhada.

O estudo trata-se de uma pesquisa pedagógica, quando o pesquisador analisa sua própria prática educacional. O estudo tem caráter exploratório e qualitativo.

Durante as atividades do estágio supervisionado a ocorrência de um constrangimento social despertou o interesse do pesquisador: como pode ser evitado ou diminuir seus efeitos no aluno constrangido.

Concluiu-se, que lidar com comportamentos inapropriados é um grande desafio para os professores, porém a flexibilização educacional nos permite identificar diversas possibilidades de lidar com a questão através de um conjunto de conceitos que nos dado pela flexibilização curricular e que a única maneira de checar sua eficiência é colocando-a em prática para avaliar os impactos que gera.

Palavras-Chave: Experiência de Aprendizagem Mediada; Ciclo de Mediação; Pesquisa Pedagógica; Padrões Estéticos.

Introdução

O currículo do curso de Licenciatura em Educação Física da UnB prevê o envolvimento do estudante com o estágio supervisionado desde o primeiro semestre letivo. Ao longo do curso, o estudante tem a oportunidade de realizar uma observação-participante nos diversos níveis de ensino e, ao final, deve cumprir uma carga horária de docência supervisionada.

A oportunidade de conviver com a realidade escolar contribui para que os estudantes de licenciatura tenham acesso aos problemas e dificuldades que cercam o cotidiano dos professores de Educação Física, como também, que se familiarizem com o comportamento dos educandos e experimentem o desafio da comunicação com eles.

Na escola, presenciamos a reprodução de uma série de conflitos sociais. Se, por um lado, a escola oferece aos alunos uma série de experiências enriquecedoras que contribuem para o seu desenvolvimento humano e social, por outro lado, também pode ser um local de preconceito, discriminação e uma série de outros constrangimentos sociais.

Como parte das atividades de estágio supervisionado, tivemos a oportunidade de acompanhar as aulas de Educação Física em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada de Brasília/DF. A atividade educativa estava relacionada com a iniciação ao salto em altura e criava uma série de experiências para que os alunos conhecessem os materiais utilizados. Em uma dessas atividades, que incentivava os alunos a se acostumarem com o impacto do corpo no colchão, uma das alunas foi exposta a uma situação grave de constrangimento diante dos colegas.

O professor agiu imediatamente. Repreendeu o aluno que se comportou de forma inapropriada e solicitou minha ajuda, pois, a aluna correu para o banheiro feminino. O professor, diante dessa situação inusitada, fica dividido entre dar apoio afetivo para a aluna e deixar a turma sem supervisão, ou, continuar a aula e esperar o retorno da aluna para perguntar como está se sentindo.

Diante dessa situação educativa, o que o professor deve fazer? Como lidar com esse tipo de situação? Qual é a atitude prioritária: repreender o constrangedor ou dar apoio afetivo para a ofendida? O objetivo do presente estudo é refletir sobre

as contribuições que o conceito de flexibilização educacional oferece para responder questões como as supracitadas.

O presente estudo faz parte de uma linha de pesquisa e de extensão Flexibilização Educacional da Faculdade de Educação Física da UnB, que envolve professores e treinadores na reflexão crítica sobre o processo de mediação com estudantes e atletas para o desenvolvimento humano, por meio das experiências relacionadas com a Educação Física e a iniciação esportiva.

Nosso objeto de análise é a atividade educativa, do próprio educador ou de outros educadores. Preconizamos a aproximação entre o educar e o pesquisar, como responsabilidades inerentes e indissociáveis daqueles que lidam com a educação. Faz parte das atribuições do educador, refletir de forma crítica e científica sobre a sua própria atividade educativa, como uma expressão do seu compromisso com a qualidade da educação.

Adotamos a denominação “pesquisa pedagógica” para nos referirmos aos educadores que se dedicam a uma reflexão crítica sobre os diversos aspectos que influenciam a atividade educativa, sejam os relacionados com o cenário histórico, social e cultural no qual ela está inserida, sejam os afetos aos diversos processos de mediação construídos entre seus atores: professores, estudantes, família e a sociedade como um todo.

Acreditamos que todos os educandos possuem potencial para aprendizagem efetiva, logo, nos dedicamos, em um primeiro momento, a leitura crítica das contradições que marcam o contexto histórico-cultural, para identificar as condições objetivas que cercam a educação, para, em seguida, nos dedicarmos a conhecer e interagir com os educandos para, ao longo do processo educativo, construir as estratégias metodológicas mais adequadas para flexibilização e, conseqüentemente, a individualização do processo ensino-aprendizagem.

A aprendizagem é um processo ativo, que depende do envolvimento completo do educando com atividades que representem um desafio biopsicossocial, ou seja, que coloquem em jogo o exercício de suas habilidades psicomotoras (o fazer), do seu nível de compreensão da situação (o pensar), das suas motivações pessoais (o sentir) e das possibilidades de interação com outras pessoas (o conviver), dentro de um contexto histórico-cultural que circunscreve essa experiência, confere-lhe significados e direciona a busca de soluções.

O educador, portanto, deve, em primeiro lugar, posicionar-se criticamente diante dos aspectos histórico-culturais, sócio-político e institucionais que circunscrevem a atividade educativa, de forma a reivindicar condições adequadas para que o trabalho educativo redunde em uma educação de qualidade para todos. Em um segundo momento, tão relevante como o primeiro, deve dedicar-se à busca de possibilidades educativas que superem as insuficiências conjunturais e proporcionem, aos educandos, o acesso a experiências significativas de aprendizagem.

Essa mediação, em parte política em parte pedagógica, de acordo com Vygotsky, coloca o educador em uma posição estratégica para a construção da qualidade da educação, ao mesmo tempo em que exige dele uma qualificação ampla e contínua para lidar com aspectos ora sociais, históricos ou culturais, ora psicológicos e educacionais, que estão presentes em cada uma de suas atividades educacionais.

De acordo com essa compreensão geral da atividade educativa, a pesquisa inicia com a seleção de uma situação específica, que retrate uma dificuldade¹ vivenciada na prática pelo educador, quando o ciclo de mediação é interrompido e a qualidade da atividade educativa comprometida. Esse problema pedagógico convida para uma análise teórica que contribua para busca de alternativas didáticas que garantam uma aprendizagem efetiva.

A delimitação da situação educativa está fundamentada no conceito proposto por Feuerstein (1991) de “experiência de aprendizagem mediada”, o que direciona a análise do ciclo de mediação para a compreensão dos papéis de cada um dos atores, de forma a verificar se a participação direta nessa experiência social é capaz de fornecer os estímulos necessários para o desenvolvimento humano.

No presente estudo, vamos analisar a situação educativa, citada no início da introdução, em que ocorre um grave constrangimento social durante uma aula de Educação Física.

Após descrever a situação educativa a partir do emprego dos conceitos de: ciclo de mediação (Vygotsky) e experiência de aprendizagem mediada (Feuerstein),

¹ É possível, também, partir da narrativa de uma experiência bem sucedida de aprendizagem, de modo a ilustrar o papel que a mediação adequada desempenha, na mobilização dos diversos atores em torno do processo de construção de conhecimentos.

iniciamos a análise teórica das possibilidades educativas que o educador pode lançar mão para construir estratégias didáticas alternativas que promovam a flexibilização educacional e a individualização do processo ensino-aprendizagem.

A análise das possibilidades educativas leva em consideração, em um primeiro momento, o próprio ciclo de mediação, tais como: ajustes no processo de comunicação entre os atores, ou, modificações no conteúdo da atividade a ser desenvolvidas. Em seguida, a análise se dirige, nos casos de dificuldades para a aprendizagem, para a interpretação dos aspectos que culminaram na interrupção do ciclo de mediação, ou, no caso de uma experiência bem-sucedida, para os detalhes que foram decisivos para que a aprendizagem dos educandos.

Esgotadas as questões relacionadas ao ciclo de mediação, passamos a nos dedicar à análise dos três tipos de recursos auxiliares para a mediação do processo ensino-aprendizagem, considerados por Feuerstein (1991) como critérios básicos para identificar se o educador é capaz de promover as adequações necessárias para mobilizar o educando e superar as dificuldades de aprendizagem, a saber: (1) a regulação do nível de dificuldade da atividade, (2) a utilização de estratégias de motivação do educando, (3) a mobilização da atenção do educando para a natureza dos problemas que caracterizam a situação educativa.

A intenção não é encontrar uma resposta específica ou indicar a melhor maneira de resolver as dificuldades para aprendizagem, mas, sugerir, como no modelo conhecido como “brainstorming”, uma série de alternativas que ampliem as opções dos educadores para lidarem com situações semelhantes. Muito mais do que fornecer uma solução, a proposta é desenvolver uma postura comprometida com a reflexão sobre a mediação educativa, de forma a capacitar os educadores a serem criativos para flexibilizar as estratégias educativas.

Como parte desse processo de construção de novas alternativas didáticas para a flexibilização do ensino-aprendizagem, convém destacar que o educador deve, na medida do possível, estar disposto a ampliar seus conhecimentos teóricos e, por meio da formação continuada, recorrer ao estudo de outras teorias que o auxiliem na busca de novas possibilidades de mediação. Em outras palavras, a capacitação do professor para lidar com as diferenças individuais é raramente algo que pode ser feito antecipadamente, até mesmo porque, não é possível antecipar quais serão as características e as necessidades dos seus educandos.

Enquanto a discussão teórica sobre a mediação para a aprendizagem que a pesquisa se propõe a fazer utiliza os conceitos de Vygotsky e Feuerstein, a “teoria” que o parágrafo anterior se refere, não tem como ser identificada de forma prévia, pois, a sua necessidade é definida a partir da análise dos dados e da caracterização da situação problema. Logo, ela não tem por objetivo fundamentar uma nova análise teórica. O seu papel é tão somente enriquecer o educador e contribuir para a construção de novas alternativas didáticas, ao sugerir possibilidades até então não consideradas.

Em síntese, o presente estudo se caracteriza como uma pesquisa pedagógica, de caráter qualitativo, que parte das inquietações dos próprios educadores, durante a atuação profissional ou ao acompanhar a atividade educativa de outro profissional. O objeto de estudo é a mediação em torno do processo ensino-aprendizagem, de maneira a esclarecer as dificuldades vividas pelos educadores e contribuir para ampliar as alternativas de compreensão e de solução para o desafio de promover a aprendizagem e o desenvolvimento humano. (LANKSHEAR & KNOBEL, 2008).

Nos envolvemos com a atividade educativa e, a partir do momento em que uma situação em particular nos chama atenção, observamos com atenção e realizamos a sua descrição por meio de observação assistemática e do registro contínuo da atividade, aberto ao relato das percepções do observador e das percepções compartilhadas pelos atores envolvidos, de forma espontânea ou por meio de conversas informais.

A análise se restringe a uma determinada situação educativa, logo, pode ser considerada como um estudo de caso. A finalidade do estudo é contribuir para o aprimoramento da qualidade da educação, ao estimular o educador e refletir sobre os diferentes aspectos que interferem no planejamento e na execução da atividade educativa. O interesse de estudo se volta sobre o processo de construção das alternativas didáticas, e não sobre as soluções que se mostraram eficientes nesse momento, pois, em outra situação podem ser inadequadas, mas, se o educador é capaz de repetir o processo, com certeza deve encontrar novas soluções.

Sendo assim, é possível enunciar uma hipótese geral de que, a partir da análise do processo de mediação e da avaliação das experiências de aprendizagem mediada vivenciadas por educador e educando(s), é possível identificar diversas

alternativas didáticas que demonstram a viabilidade da flexibilização educacional que ampliam a garantia de uma aprendizagem efetiva.

Objetivo Geral

Descrever o ciclo de mediação e as experiências de aprendizagem mediada que caracterizam a situação de constrangimento social vivenciada por uma menina durante a aula de Educação Física de uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular de Brasília/DF, no intuito de avaliar as possibilidades de intervenção do educador.

Flexibilização Educacional

O presente estudo faz parte da linha de pesquisa e extensão sobre a flexibilização educacional em educação física e esporte, comum aos cursos de Licenciatura e Bacharelado, desenvolvida por membros do Núcleo de Esporte da Faculdade de Educação Física da UnB. A flexibilização educacional é um conceito chave para o paradigma da Educação Inclusiva, pois, refere-se ao processo dinâmico que envolve educador e educando(s) em torno da construção de uma atividade educativa capaz de criar experiências sociais significativas que contribuam para o sucesso da aprendizagem e para a promoção do desenvolvimento humano.

Outros conceitos, tais como adequações ou adaptações, já foram utilizados no meio educacional para se referir à necessidade de o educador realizar ajustes no currículo, ou, na metodologia de ensino, ou, na avaliação da aprendizagem para atender às necessidades individuais de cada educando. Se em um primeiro momento essa demanda se confunde com o caso dos estudantes com deficiências, logo em seguida fica claro que não é possível manter a escola e o currículo inalterados, porque a individualização do processo ensino-aprendizagem é um direito de todos, independentemente de necessidades educativas especiais, na medida em que contribui para o enriquecimento da qualidade de ensino.

A reflexão proposta pela flexibilização educacional abrange tanto as boas práticas como as dificuldades vivenciadas pelos professores no cotidiano da atividade educativa. De acordo com os princípios da teoria histórico-cultural de Vygotsky, o estudo da mediação entre educador e educando(s) para construção do processo ensino-aprendizagem deve ocorrer em duas direções complementares: (1) uma voltada para as questões de caráter sociológico, relacionadas com a influência exercida pela proposta político-pedagógica, pela política educacional e pela conjuntura sócio-política na qual a escola está inserida (denominada de *cenário educativo*), e, outra, (2) voltada para as questões de caráter psicopedagógico, relacionadas com o papel e as possibilidades didáticas de ação do educador na mediação da relação entre o educando e o conhecimento a ser aprendido (denominada de *ciclo de mediação*).

No intuito de explicitar os pressupostos teórico-metodológicos a serem utilizados no estudo da flexibilização educacional da educação física e do esporte, este estudo pretende: (1) descrever os principais aspectos a serem analisados para

uma compreensão das relações existentes entre as várias esferas sociológicas do cenário educativo que interferem na ação educativa, como também, (2) enumerar os elementos que compõem o ciclo de mediação para aprendizagem construído entre educador e educando; (3) relacionar as estratégias auxiliares para que a comunicação entre eles transcorra sem interrupção e as trocas de saberes ocorram nas duas direções possíveis, e, (4) recorrer, de acordo com as necessidades apontadas pela atividade educativa, a uma teoria adicional que contribua para enriquecer o processo de construção de novas estratégias educacionais, que contribuam de maneira significativa para o desenvolvimento e a aprendizagem do educando.

Consideramos esse último passo metodológico bastante relevante, na medida em que ao destacar que o educador deve manter uma atitude de compromisso com a formação continuada e a atualização de conhecimentos, pois, a qualidade da ação educativa depende da sua capacidade para enriquecer as estratégias de mediação a serem utilizadas na atividade educativa, por meio de uma leitura crítica da literatura científica existente, sobre os pontos que julgar pertinente para o seu aprofundamento de conhecimentos.

Não se trata de uma modificação do objeto de estudo, que continua a ser o processo de flexibilização educacional, mas, de ampliar a discussão sobre as possibilidades didáticas suscitadas pela compreensão diferenciada de um aspecto da realidade educacional. No caso do presente estudo sobre uma situação educativa em que ocorre constrangimento social em uma aula de educação física escolar, elegemos o conceito de padrões de beleza para essa discussão.

O cenário educativo

O educador, ao se confrontar com a tarefa de construir uma proposta pedagógica para o ensino da Educação Física ou do esporte, deve estar comprometido com a garantia da inclusão de todos os educandos. O conceito de Educação Inclusiva, de acordo com a Declaração de Salamanca, não diz respeito exclusivamente às pessoas com deficiência, mas, a concepção de uma escola capaz de educar a todos os educandos, e de educa-los juntos. Se queremos ter uma sociedade inclusiva, temos que ser capazes de construir uma escola que não separe as pessoas em função de suas características, mas, ao contrário, que promova a

flexibilização curricular necessária para que todos convivam e se desenvolvam para usufruir, de forma plena, de seus direitos sociais.

Para atender a essa diretriz pedagógica, o educador deve, obrigatoriamente, refletir criticamente sobre os aspectos sociológicos do cenário educativo que circunscrevem a sua atividade educativa. Uma análise da conjuntura social e política da realidade brasileira é um passo inicial e, como parte de um posicionamento político, imprescindível, mas, ao mesmo tempo, insuficiente, pois não se trata de exigir que o educador realize uma análise sociológica, e sim, que faça uma reflexão crítica sobre os aspectos sociológicos que interferem diretamente a elaboração de sua proposta pedagógica e em sua realização efetiva dentro de um contexto escolar específico.

A discussão sociológica do cenário educativo, portanto, dentro dessa linha de pesquisa, sem descuidar da análise crítica geral das contradições que marcam a sociedade brasileira, como parte de uma economia capitalista e globalizada, na qual o Brasil se posiciona como um país emergente, volta-se para discussão dos aspectos políticos e sociais que interferem, positiva e negativamente, na execução da proposta pedagógica e no alcance dos seus objetivos em relação à flexibilização educacional.

A análise descritiva do cenário educativo deve levar em consideração as características interdependentes de dois aspectos chaves:

(1) aspectos sociais, que abrangem os condicionantes históricos, a conjuntura política, a realidade econômica e o contexto cultural, assim como a influência que exercem sobre a comunidade em que a escola está inserida; e

(2) aspectos escolares, que se relacionam com os recursos pedagógicos disponíveis para a ação educativa, como também, com o conjunto das interações estabelecidas entre as pessoas que compõem cada um dos seus segmentos e dos segmentos entre si: professores, estudantes e familiares.

Pautada nessa compreensão global do cenário educativo, que orienta o processo de tomada de decisão sobre *o quê, para quê e como* educar, dedicamo-nos à discussão pormenorizada sobre as contradições e os determinantes político-sociais que podem, de alguma maneira, interferir no processo de mediação entre educador e educando e comprometer a qualidade da aprendizagem e do desenvolvimento humano.

O diagrama a seguir fornece uma ilustração das relações existentes entre esses aspectos chaves do cenário educativo.

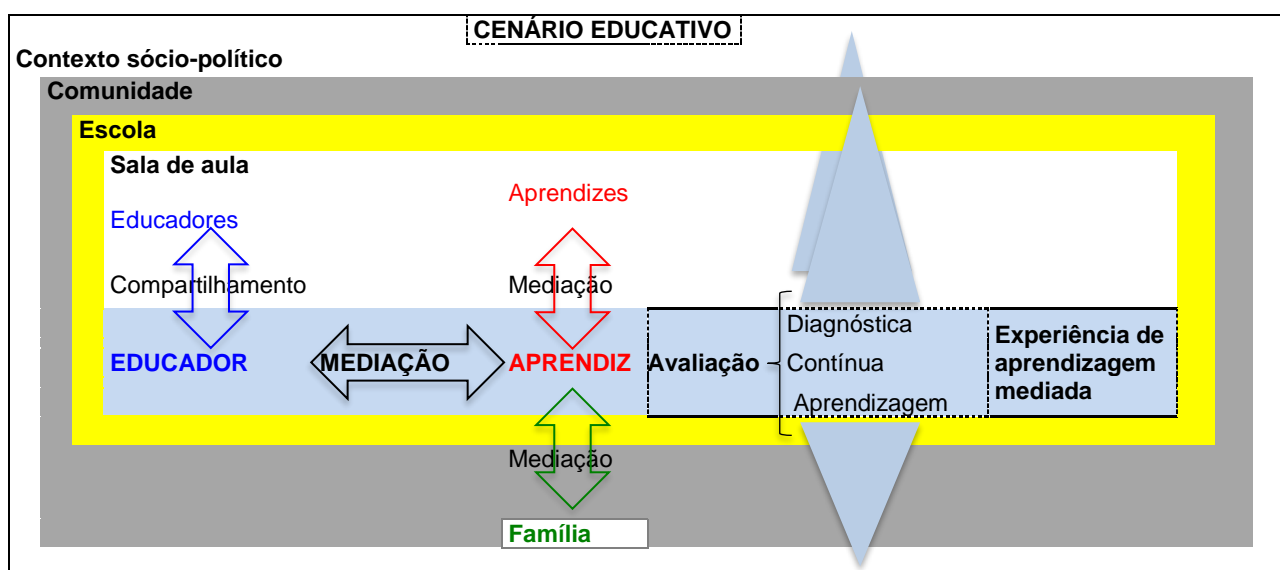


Figura 1

Ciclo de mediação

A segunda parte da análise proposta pela linha de pesquisa sobre a flexibilização educacional na educação física dirige-se para os aspectos pedagógicos presentes no conceito de ciclo de mediação. A análise da proposta pedagógica parte do pressuposto de que o processo ensino-aprendizagem ocorre como parte de uma Experiência de Aprendizagem Mediada, a partir da qual o professor se envolve na construção eficaz de estratégias de ensino adequadas, para que todos tenham acesso a atividades significativas que contribuam, de maneira eficiente, para a promoção de um efetivo desenvolvimento humano e social.

Portanto, pautado nos princípios da teoria de Feuerstein (1991), o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada subsidia a construção de estratégias de ensino individualizadas comprometidas com uma perspectiva inclusiva da Educação Física escolar. De acordo com essa perspectiva, compete ao professor construir o processo de mediação pedagógica de maneira a viabilizar que o estudante assuma um papel ativo ao longo da aprendizagem e, progressivamente, tenha condições de ser sujeito do seu aprender e de apresentar um desempenho cada vez mais independente.

O conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada pressupõe que a aprendizagem ocorre como a ação consciente de um sujeito, que se forma ao longo

de uma experiência sociocultural de mediação com outro sujeito. Trata-se, portanto, de uma interação que se caracteriza como bidirecional, pois pode iniciar a partir da ação de qualquer um dos sujeitos, seja o professor ou o estudante.

O princípio geral que norteia o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada é que a ação de educar inicia a partir de uma ação humana intencional, que está associada a diversos significados. Existem significados que são atribuídos pelo próprio sujeito, que coexistem com significados advindos do contexto sociocultural e significados interpretados ou atribuídos pelos outros sujeitos. Para que o processo de mediação resulte em uma aprendizagem efetiva, é preciso construir um ciclo de compartilhamento dos significados, e de suas interpretações, entre o professor e o estudante.

A mediação entre educador e educando, portanto, deve ser entendida como elemento central para que a atividade educativa alcance a sua finalidade primordial, o processo de humanização do estudante e, secundariamente, para que o processo de aprendizagem de saberes, de competências e de atitudes transcorra como parte das possibilidades dialéticas de comunicação entre educador e estudante ao longo da atividade educativa.

O processo de mediação requer, portanto, o diálogo entre os sujeitos, que ora atribuem significados que exprimem a sua intenção, ora interpretam os significados atribuídos pelo outro. Um ciclo completo de mediação pode ser descrito pelo encadeamento de quatro fases, nas quais cada sujeito desempenha, pelo menos uma vez, as funções relacionadas com a expressão de uma intenção e a interpretação do significado da ação do outro, ou seja: (1) sujeito 1 – ação intencional; (2) sujeito 2 – interpretação da ação; (3) sujeito 2 – ação intencional de resposta, e (4) sujeito 1 – interpretação da resposta.

Quando a ação intencional é uma iniciativa do professor, caracteriza-se como diretividade pedagógica, ou seja, o professor apresenta uma atitude consciente para envolver o estudante no processo de planejar a solução de uma situação problema apresentada no formato de um jogo. Quando a ação é uma iniciativa do estudante, caracteriza-se como parte de seus conhecimentos e experiências anteriores e é denominada como ação intencional, ou seja, o estudante demonstra as suas habilidades e interage, ora com o contexto ora com o outro.

Quando o estudante interpreta, é receptivo e responde de forma adequada à diretividade pedagógica do professor, demonstra ter reciprocidade. Quando o professor está atento, interpreta e responde de forma adequada à ação intencional do estudante, essa habilidade é descrita como responsividade.

O diagrama a seguir descreve as fases do ciclo de mediação de acordo com quem tem a iniciativa do processo, e explicita a definição dos conceitos de Responsividade e Reciprocidade.

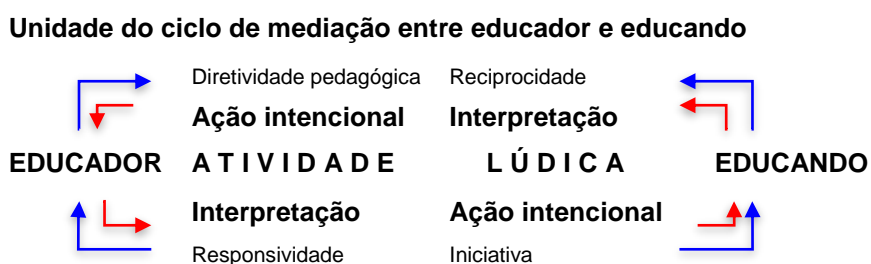


Figura 2

O ciclo de mediação permite identificar os entraves que normalmente comprometem o processo ensino-aprendizagem. Quando, por exemplo, o educador utiliza de maneira equivocada sua diretividade pedagógica e direciona a interpretação do significado de sua ação intencional para uma solução específica da situação lúdica apresentada ao estudante, rompe-se o ciclo de mediação, tendo em vista que o educando é sujeitado e perde a sua condição de dialogar.

Outro exemplo é a ausência, por parte do educador, de uma postura responsiva, ou seja, a iniciativa do processo ensino-aprendizagem sempre é uma ação intencional do educador, que não se mostra capaz de ouvir, entender e responder às situações lúdicas propostas pelo(s) educando(s).

Da mesma forma, o ciclo de mediação também pode ser interrompido em função de atitudes inadequadas do educando, quando não demonstra reciprocidade, ou seja, disposição de participar na construção do jogo, a partir da sugestão inicial do educador, ou quando se silencia, e não adota uma postura ativa de iniciativa na proposição de jogos que iniciem a mediação com seus pares e com o educador.

A análise de como ocorre o ciclo de mediação na situação educativa escolhida no presente estudo para a análise do processo de flexibilização educacional fornece subsídios importantes para a reflexão sobre as modificações e

novas possibilidades didáticas que podem ser utilizadas pelo educador para reconstruir uma experiência de aprendizagem mediada.

Recursos auxiliares para construção da experiência de aprendizagem mediada

Além da análise das quatro fases do ciclo de mediação, a teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada descreve recursos auxiliares que contribuem para que o professor construa adequações didáticas que culminem no sucesso do processo ensino-aprendizagem: (1) regulação do nível de dificuldade, (2) utilização de estratégias de motivação para a participação, (3) utilização de meios para mobilização da atenção do educando para o tipo de atividade a ser realizada.

A regulação do nível de dificuldade da situação problema proposta como conteúdo durante a atividade educativa pode se dar em dois sentidos antagônicos: (a) regulação da atividade à competência do educando, quando o educador modula a dificuldade do problema, tornando-o mais simples, de maneira a corresponder ao potencial de aprendizagem do educando, e; (b) apresentação de um desafio para o educando, quando o educador aumenta a dificuldade do problema, tornando-o mais complexo ou substituindo o tipo de problema, de maneira a criar um desequilíbrio em relação às aprendizagens já adquiridas, de forma a criar a necessidade do educando desenvolver novas habilidades.

A utilização de estratégias de motivação do educando pode ser realizada de três maneiras diferentes, mas, complementares entre si, todas relacionadas com o conceito de motivação extrínseca: (a) elogiar a dedicação do educando, quando o educador, no intuito de ampliar a resiliência do educando, recompensa-o pelo empenho na busca de uma solução da situação problema; (b) destacar as mudanças do educando, quando o educador, no intuito de ampliar a percepção subjetiva de competência do educando, comunica, de maneira compreensível para o educando, que ele obteve sucesso na aprendizagem, e; (c) envolvimento empático-afetivo com o educando, quando o educador é capaz de demonstrar para o educando, por meio de expressões corporais, gestuais e verbais, o seu envolvimento e o seu prazer na convivência com o educando durante a atividade educativa. Mas, atenção, nenhuma das alternativas motivacionais está relacionada com o resultado da atividade educativa, e sim, com o processo de construção de uma experiência de aprendizagem mediada.

A mobilização da atenção do estudante envolve duas estratégias de caráter mais cognitivo e diferenciadas entre si, primeiro, (a) a experiência partilhada, quando o educador se dispõe a buscar a solução do problema junto com o estudante, ou seja, os dois agem de forma cooperativa, e; (b) a transcendência, quando o educador transcende o contexto imediato do problema, relacionando a atividade a ser realizada com os conhecimentos prévios do educando, ou, recorrendo a um apoio conceitual que subsidie a busca de uma solução operacional. Essas duas possibilidades são as que mais se aproximam do conceito de “dica”, proposto por Vygotsky para a identificação da zona de desenvolvimento proximal. Da mesma maneira, a participação do educador, nesse caso, não pode ser no sentido de fornecer a resposta ao educando ou de assumir a liderança da atividade, deixando o educando em uma posição passiva. Compete ao educador mediar a aprendizagem e fornecer orientações que mobilizem a atenção do educando para o tipo de problema a ser resolvido. A compreensão do problema é o primeiro passo para a descoberta autônoma da solução.

Sujeito	Etapa	Ciclos	Recursos auxiliares
Educando	Ação intencional	1	A. regulação do nível de dificuldade
Educador	Responsividade	2	
Educador	Diretividade pedagógica	3	
Educando	Reciprocidade	4	B. utilização de estratégias de motivação
Educador	Diretividade pedagógica	1	
Educando	Reciprocidade	2	C. mobilização da atenção
Educando	Ação intencional	3	
Educador	Responsividade	4	

- A1. regulação à competência
- A2. Desafio

- B1. Elogiar
- B2. Mudança
- B3. envolvimento afetivo

- C1. experiência partilhada
- C2. Transcendência

Figura 3

Um aspecto importante a ser destacado na proposta educativa de Vygotsky: muito mais do que aprender determinados conhecimentos ou desenvolver certas habilidades, o educando também aprende, e, principalmente, a lidar com o processo de aprendizagem. Os recursos auxiliares, portanto, não são estratégias exclusivas dos educadores. Os educandos aprendem a aprender e aprendem a colaborar com os outros para que aprendam. Em outras palavras, os educandos, ao final do processo ensino-aprendizagem, desenvolvem competências equivalentes a dos educadores, assim como, jogadores que desenvolvem uma inteligência de jogo, alcançam uma compreensão do jogo e da tática equivalente a do treinador.

Portanto, a análise teórica do presente estudo está diretamente relacionada com a articulação desses conceitos chaves: flexibilização educacional para individualização do processo ensino-aprendizagem; leitura crítica das contradições sociopolíticas do cenário educativo; avaliação do ciclo de mediação entre educador e educando; e, os recursos auxiliares para a construção de uma experiência de aprendizagem mediada.

Métodos

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa pedagógica, na medida em que se dispõe a refletir sobre as questões que estão presentes no cotidiano da atividade educativa e, muitas vezes, permanecem sem respostas. Possui um caráter qualitativo, pois, dedica-se a análise do processo de mediação para o ensino-aprendizagem em uma situação educativa em particular.

A partir da compreensão das características do educando, e, consciente dos objetivos que direcionam a atividade educativa, o pesquisador vai refletir sobre as estratégias didáticas e as adaptações que podem ser realizadas para que o educando, a partir das experiências vividas, desenvolva suas habilidades ou adquira novos conhecimentos sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a realidade que o cerca.

O objeto de estudo, portanto, é a mediação em torno do processo ensino-aprendizagem, de maneira a esclarecer as dificuldades vivenciadas pelos educandos e subsidiar os educadores na busca de uma solução para o desafio de promover a aprendizagem e estimular o desenvolvimento humano. (LANKSHEAR & KNOBEL, 2008).

O primeiro passo é a aproximação com a realidade educativa. Quando o estudo é sobre a própria atividade educativa, o educador assume, paralelamente, o papel de pesquisador. Quando estudamos a atividade educativa de outro educador, mesmo assim, nos identificamos com ele e não deixamos de ser educadores que estudam educadores e, portanto, nossas práxis educativas.

Desse envolvimento privilegiado com a atividade educativa, aguardamos, de forma sistemática, o momento em que uma situação educativa em particular nos chama atenção. Em seguida, observamos com atenção e realizamos uma descrição da situação educativa da forma mais detalhada possível. O registro da atividade é contínuo, ou seja, descreve os eventos na mesma sequência em que ocorreram. O relato deve priorizar as percepções do pesquisador e as percepções compartilhadas pelos atores envolvidos, de forma espontânea ou por meio de conversas informais durante ou após o evento.

Como a análise se restringe a uma determinada situação educativa, pode ser considerada como um estudo de caso, o que para nós é suficiente. A finalidade do estudo é contribuir para o aprimoramento da qualidade da educação, ao estimular o educador e refletir sobre os diferentes aspectos que interferem no planejamento e na execução da atividade educativa. Sendo assim, o interesse de estudo se dirige para o processo de construção das alternativas didáticas, e não para as soluções que se mostraram eficientes nesse momento. As soluções válidas em uma situação, revelam-se inadequadas em outras, e, até mesmo, na mesma situação, com as mesmas pessoas, mas, em outro momento. Porém, se o educador é capaz de repetir o processo de análise das situações educativas, com certeza vai ser capaz de encontrar novas e adequadas soluções.

Uma vez selecionada a situação educativa a ser analisada, as duas primeiras tarefas a serem realizadas são: a descrição do cenário educativo e a descrição pormenorizada da própria situação educativa.

A descrição do cenário educativo não tem um objetivo em si mesmo. Por isso, é importante definir primeiro a situação educativa, pois, a principal função do cenário educativo é contribuir para a compreensão do contexto no qual a situação educativa está inserida. A descrição deve conter os aspectos mais relevantes e diretamente relacionados com a situação educativa, fornecendo-lhe uma conjuntura que esclarece os elementos que exercem influência sobre ela e a determinam.

Além de contribuir para uma compreensão ampla e crítica da situação educativa, o cenário educativo viabiliza ao pesquisador a opção, caso necessário, de uma leitura radical dos interesses ideológicos, políticos e econômicos que precisam ser desvendados. A flexibilização educacional, ao preconizar que sempre é possível encontrar alternativas para garantir o sucesso da aprendizagem para todos os educandos, não pretende abster-se de uma análise que aponte para a necessidade de transformação da realidade social, como um todo, e educacional em particular.

A descrição da situação educativa, por sua vez, deve fornecer uma riqueza de detalhes que permita ao leitor reconstituir os eventos. É importante fornecer informações sobre: o contexto institucional no qual estão inseridos, a natureza das atividades que estão sendo realizadas, a infraestrutura física e material disponível, os atores que estão envolvidos, os papéis que desempenham, os objetivos

educacionais a serem atingidos, o conteúdo a ser trabalhado, as estratégias didáticas utilizadas.

Por uma questão de respeito às pessoas e instituições, a descrição deve primar, sempre que possível, pelo caráter positivo das atitudes e decisões, de forma a evitar suposições indevidas e nunca assumir um tom depreciativo ou de censura para as atividades educativas realizadas pelos educadores e educandos observados. Se queremos dialogar com os educadores e apresentar alternativas que contribuam para a melhoria da qualidade de ensino, a relação deve estar pautada no respeito.

Com esses procedimentos, que podem, caso seja necessário, serem complementados por análise documental, entrevistas adicionais e novas observações, encerramos a coleta de dados e iniciamos a análise e discussão teórica sobre a situação educativa.

Resultados

É de praxe iniciar a discussão pela análise teórica da hipótese que norteia a interpretação dos resultados da pesquisa. Nossa hipótese, em termos gerais, pode melhor ser descrita como o compromisso político-pedagógico com a construção de recursos didáticos que sejam tanto adequados como apropriados para promover a aprendizagem e o desenvolvimento dos educandos.

Se, em um primeiro momento, o educador está diante de uma dificuldade que compromete a dinâmica do processo ensino-aprendizagem, vamos nos dedicar a análise da situação educativa para apontar novas possibilidades didáticas e criar experiências de aprendizagem mediada significativas para todos os envolvidos na atividade educativa.

Nossa hipótese, portanto, é de que a flexibilização educacional sempre é possível. Não é nosso objetivo testar as soluções didáticas apontadas como uma alternativa viável para cada caso. Essa lógica experimental exige tempo, como também, afasta-nos da realidade do cotidiano da escola, pois, exige do educador a preocupação com o controle de variáveis e com o registro de dados, atividades que se revelam onerosas para quem tem que conciliar essas obrigações acadêmicas com as demais obrigações típicas da atividade educativa.

É preciso considerar que, independente das alternativas didáticas sugeridas serem ou não efetivas para promoção da aprendizagem e do desenvolvimento dos educandos, o mais importante não é a solução em si, mas, a reflexão sobre os diversos aspectos que possibilitam a flexibilização educacional. Não procuramos garantias de que as metodologias propostas são efetivas.

Nos dedicamos, continuamente, a avaliar, de forma criteriosa, o potencial de aprendizagem e desenvolvimento do educando para definir objetivos, conteúdos e métodos educacionais condizentes com seus interesses e necessidades para, ao final dessa etapa, novamente dedicar-se à avaliação da eficácia, eficiência e efetividade do processo de mediação.

Não se quer com isso afirmar que essa é a solução para o problema, pois, na verdade, geralmente, os problemas educacionais não têm uma causa única nem é possível encontrar uma solução que seja definitiva. A proposta é otimizar as condições de ensino de maneira a favorecer o alcance dos objetivos educacionais.

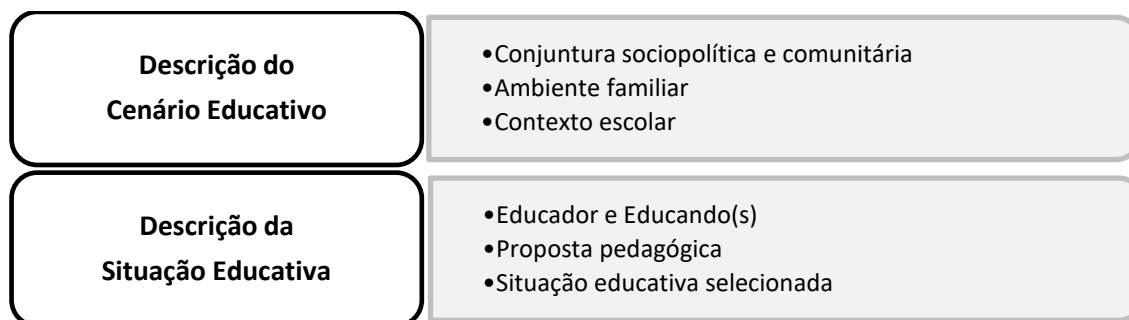
Essas experiências de aprendizagem vivenciadas entre educador e educando(s), transformam-se em novos elementos de análise, que retroalimentam o processo ensino-aprendizagem. A atividade educativa, dessa forma, passa a ter, intrinsecamente, a propriedade de ser flexível, pois, coloca-se a serviço do educando e da sua educação.

A flexibilização educacional, no entanto, não é uma mera intenção do educador, e sim um exercício teórico a partir de alguns conceitos-chaves. A análise da situação educativa inicia pela descrição do ciclo de mediação.

O ciclo de mediação está centrado no princípio de que a ação educativa pressupõe o envolvimento de dois sujeitos, que assumem papéis diferenciados ao longo do processo, mas, que não podem ter suas possibilidades de ação restringidas pela forma como as aulas são conduzidas. A análise da situação educativa, portanto, será feita, inicialmente, pela descrição das ações que caracterizam, concretamente, o ciclo de mediação existente entre educador e educando(s), com destaque para a direção em que as experiências de aprendizagem mediada ocorrem: do educador para o educando, ou, do educando para o educador.

Os relatos que normalmente ouvimos sobre as dificuldades vivenciadas pelos educadores para construir o processo de mediação com os educandos se caracterizam pelo esgotamento das alternativas de ação, a ponto de o professor não ter mais ideias sobre o que fazer. Sendo assim, após descrever os eventos que marcam a situação educativa, é preciso identificar o momento em que ocorre a interrupção do ciclo de mediação entre educador e educando.

Todas as reflexões realizadas até esse ponto estão dedicadas a melhor compreensão possível das dificuldades a serem superadas. Não é possível discutir as alternativas didáticas quando a situação-problema a ser resolvida não está claramente explicitada. De outra maneira, corremos o risco de sugerir adequações que não contribuem para melhoria da qualidade de ensino.



Descrição do Cenário Educativo

Conjuntura sociopolítica e comunitária

A pesquisa foi realizada em uma escola privada do Plano Piloto, região central de Brasília-DF que atende estudantes do 6º Ano do Ensino Fundamental ao 3º Ano do Ensino Médio. A comunidade escolar é formada por pessoas de uma classe social média e média-alta, que residem na vizinhança, e de pessoas oriundas das cidades satélites do Distrito Federal e do entorno, pois, geralmente, os pais trabalham em Brasília.

Além das aulas regulares, a escola oferece outras opções de atividades extracurriculares, tais como: curso de idiomas, oficinas de atividades esportivas e corporais (dança, circo, futsal, handball, vôlei e basquete entre outros esportes), como também, aulas preparatórias para processos seletivos, como vestibular, Programa de Avaliação Seriada/UnB e Exame Nacional do Ensino Médio/ENEM.

Para as aulas de Educação Física, a escola dispõe da seguinte infraestrutura física: ginásio coberto, sala de dança, quadras poliesportivas descobertas, dojô (sala de lutas), piscina e um campo de society, além de materiais esportivos adequados e em bom estado de conservação para diversas modalidades.

Ambiente familiar

Não temos dados de contato com a família dos estudantes.

Contexto escolar

As aulas de educação física para o Ensino Fundamental nessa escola são realizadas na grade horária regular, porém, no contraturno são oferecidas escolinhas de atividades esportivas e culturais. Os alunos podem escolher e participar de até duas modalidades.

No caso do Ensino Médio, as aulas de educação física são oferecidas no contraturno escolar para o 1º e 2º anos, a participação nas aulas de educação física é opcional para os alunos do 3º ano, que dedicam um tempo maior na preparação para os processo seletivos de ingresso no ensino superior.

As aulas regulares do colégio têm duração de 45 minutos, entre uma aula e outra existe um intervalo de 5 minutos, para que os alunos possam ir ao banheiro e beber água, dando tempo, também, para o deslocamento dos professores de uma sala para outra.

O professor de educação física precisa ir até o bloco de salas de aula para buscar a turma e leva-la para as quadras esportivas, onde as aulas são realizadas. As aulas de educação física têm um caráter esportivo e recreativo. Na maioria das aulas observadas a estrutura didática estava voltada para uma proposta pedagógica que se caracterizava pela realização de atividades educativas com foco na iniciação esportiva, principalmente as modalidades coletivas. Ao final de cada aula, caso tivesse tempo disponível, o professor estimulava a participação dos alunos nas atividades de sua preferência, de acordo com os materiais que estavam disponíveis.

Descrição da Situação Educativa

Educador e Educando(s)

O professor regente da turma tem 38 anos, formado na Universidade de Ribeirão Preto no ano de 2007 e atua na área desde então. Na escola ele é responsável pela escolinha de vôlei e pelo futsal masculino, então todos os alunos que fazem aulas nas escolinhas dessas modalidades, por terem proximidade afetiva com ele, têm liberdade para conversar sobre diversos assuntos, em qualquer momento.

A turma tem 35 alunos, sendo 19 meninos e 16 meninas, com a mesma faixa etária (maioria com 12 anos), e com um bom nível de entrosamento entre si. Não foi identificada nenhuma inimizade entre eles e, como de costume nessa faixa etária, alguns preferem interagir com colegas do mesmo sexo.

A aluna constrangida, Duda, tem 12 anos, é muito tímida e prefere se relacionar com outras meninas, em particular, um pequeno grupo de amigas.

O estudante que agiu como constrangedor é muito extrovertido e não demonstra ter preferências, pois, está sempre disposto a interagir com todos. Apesar

de estar continuamente conversando e brincado, mesmo em momentos inadequados, os professores comentam que é um bom garoto, que demonstra interesse em ajudar e tem uma imaginação incrível.

Proposta pedagógica

A partir das aulas observadas, foi possível verificar que o professor buscava os materiais a serem utilizados em todas as aulas do mesmo dia, e os deixava trancados na sala de espelhos, próxima da quadra esportiva. Em seguida, deslocava-se para o bloco de salas de aula para buscar a turma. O professor tinha o costume de conversar com a turma e explicar as atividades que seriam realizadas. Descia com a turma para o ginásio. Com as turmas de 7º e 8º anos, costumava reunir os alunos em círculo, no centro da quadra, enquanto pegava os materiais.

De uma maneira geral, as atividades educativas eram realizadas com a turma mista, mas, em alguns momentos, de algumas aulas, a turma foi dividida em grupos.

O professor tem a liberdade de usar qualquer um dos espaços da infraestrutura existente na escola para a prática de educação física, mas, na maioria das aulas observadas, a preferência era pelo ginásio coberto.

Todos os alunos participavam das aulas, menos aqueles que não estavam com roupa adequada para a prática de atividades físicas, que ficavam sentados na lateral da quadra acompanhando a aula, mas, sem participar das atividades. Quando tinha mais de um aluno, eles ficavam conversando.

Alguns dos alunos que ficavam sentados, não gostavam das aulas de educação física e preferiam ficar sem fazer nada, mas, outros, ficavam bem tristes por estarem impedidos de participar e insistiam para jogar, mesmo sem a roupa adequada, pois, gostavam bastante da educação física.

Situação educativa selecionada

Como estagiária, estava realizando a observação-participante de uma aula de Educação Física. Nesse tipo de observação, participamos da aula junto com os estudantes e nos prontificamos a prestar apoio ao professor sempre que solicitado.

A turma do 7º ano do Ensino Fundamental era composta de 19 meninos e 16 meninas, todos com idade entre 12 e 13 anos. A atividade educativa estava voltada para a iniciação ao salto em altura e criava uma série de experiências para

que os alunos pudessem conhecer os materiais utilizados. O material estava previamente organizado no local da aula. O professor dividiu a turma por sexo e solicitou que organizassem duas filas. Uma das primeiras brincadeiras propostas pelo professor era correr e pular um colchão, de qualquer jeito, a fim de sentir como seria o impacto de cair no colchão, e, ao perceber que não causava dor, perder o medo de saltar.

A fila dos meninos foi a primeira a executar a atividade, enquanto as meninas assistiam e esperavam. Em seguida, foi a vez das meninas. Durante a realização da atividade, um dos meninos falou bem alto, para todos ouvirem: “Quando a Duda pular, o colchão vai explodir!” Ao ouvir o comentário, alguns meninos e meninas começaram a rir, e outros não esboçaram reação com atitude inapropriada do colega.

Ao ouvir o comentário vexatório, Duda nem chegou a realizar a atividade, começou a chorar e saiu correndo da aula para o banheiro, quatro colegas foram atrás dela para consolá-la e alguns dos comentários foram: “Amiga, não fica assim, esquece o que ele disse!”, “Não dá ouvido para o que ele disse, não vale a pena.” “Não chora por causa disso, ele é um estúpido!”.

O professor, ao perceber o que estava acontecendo, agiu imediatamente. Repreendeu o aluno que se comportou de forma inapropriada chamando-o em um canto e dizendo “Está vendo o que você fez?”, o garoto responde que não era a intenção dele magoar a garota e que era somente uma piada, então o professor falou: “Agora a Duda está chorando no banheiro, você tem que pensar mais antes de falar!” e solicitou minha ajuda, pois, a aluna correu para o banheiro feminino. Em uma situação inusitada como essa, o professor fica dividido entre dar apoio afetivo para a aluna e deixar a turma sem supervisão, ou, continuar a aula e esperar o retorno da aluna para perguntar como ela está se sentindo.

Ao chegar no banheiro para conversar com a Duda, ela foi logo dizendo que não iria voltar para a aula, pois, não queria mais ver o resto da turma. Concordei com a sua escolha e disse que, se ela não quisesse, não precisava voltar para a aula, mas, pedi às outras meninas que voltassem para aula, que eu ficaria com ela para conversar e acalmá-la. Ficamos conversando durante quase toda a aula. Compartilhei alguns exemplos pessoais em relação ao meu corpo e a minha

aparência na infância e na adolescência, pois, tive que enfrentar constrangimentos semelhantes ao dela.

Quando faltava 10 minutos para terminar a aula, o professor enviou um recado por uma das amigas da Duda, para que eu a levasse para conversar com a Orientadora Educacional da escola. Depois de deixa-la com a orientadora voltei para a aula de Educação Física, que estava no fim. Quando cheguei, o professor estava liberando a turma.

Análise e Discussão

A primeira alternativa sugerida pela própria dinâmica do ciclo de mediação é a inversão da sua direção, ou seja, se o educador estava na direção da atividade educativa, ele deve oferecer ao(s) educando(s) a iniciativa de definir o que deve ser feito, de forma que a responsabilidade pela condução da atividade se transfere para o educando. Ao contrário, se a iniciativa era do educando, é importante que o educador retome a diretividade da atividade educativa e assuma a responsabilidade pela sugestão de como a atividade educativa deve transcorrer.

Com essas três ponderações: (1) caracterização da direção do ciclo de mediação; (2) identificação do ponto de interrupção do ciclo de mediação, e, por último, (3) inversão da direção do ciclo de mediação, concluímos a discussão dos dados em função das possibilidades explicativas do ciclo de mediação.

O próximo momento de análise da situação educativa selecionada, será norteado pelo conceito de experiência de aprendizagem mediada, a partir da reflexão sobre a conveniência do uso dos recursos auxiliares de mediação, propostos por Feuerstein (1991).

Conforme descrito no referencial teórico, Feuerstein (1991) propõe três tipos de recursos auxiliares: (1) a regulação do nível de dificuldade da atividade educativa a ser realizada: que permite ao educador, realizar uma avaliação das capacidades funcionais do educando, e optar pela (1a) redução ou (1b) ampliação do nível de dificuldade da atividade educativa de acordo com o potencial identificado; (2) a utilização de estratégias de motivação do educando: que permite ao educador comunicar ao educando (2a) o reconhecimento pela sua resiliência, (2b) informações positivas que desenvolvam uma percepção subjetiva de competência, e (2c) a satisfação de estarem compartilhando essa experiência mútua de aprendizagem; (3) a mobilização da atenção do educando para as características da situação problema a ser resolvida: que permite ao educador (3a) cooperar com o educando e (3b) estabelecer articulações entre a situação educativa em curso e outras experiência de aprendizagem mediada já vivenciadas anteriormente.

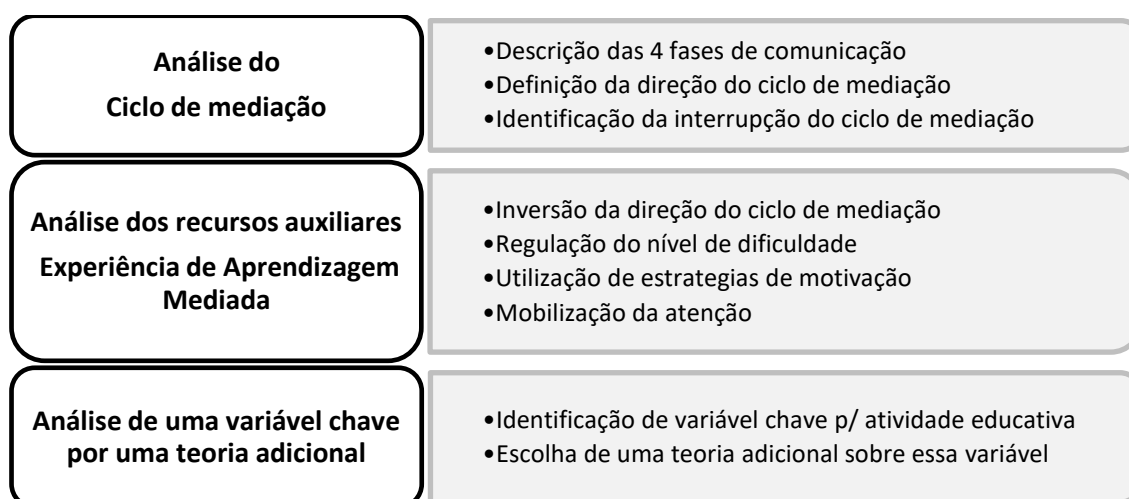
O último passo metodológico a ser utilizado na análise da situação educativa é a busca de uma teoria adicional que auxilie o educador a compreender melhor uma variável considerada, ao longo do processo ensino-aprendizagem, como um

aspecto chave para o seu sucesso, no intuito de discutir as possibilidades de reorganização da atividade educativa a partir dessas novas informações.

No presente estudo, escolhemos estudar e aprofundar conhecimentos sobre o conceito de constrangimentos relacionados à padrões de beleza nas aulas de educação física escolar.

Como a análise teórica envolve diversos conceitos e possui várias etapas diferentes, difíceis de serem compreendidas em um primeiro momento, optamos pela construção de um diagrama temporal que ilustra cada um dos momentos e permite a visualização da metodologia como um todo.

Na primeira coluna estão os aspectos teórico conceituais chaves e na segunda coluna, o detalhamento das atividades metodológicas, relacionadas a cada um dos conceitos da primeira coluna, a serem realizadas ao longo da pesquisa.



Vamos iniciar análise do ciclo de mediação, que corresponde ao último estágio de explicitação da situação educativa a fim de fornecer ao educador a compreensão de todas as nuances que de alguma maneira estão relacionadas com as dificuldades a serem superadas por meio da flexibilização educacional.

Análise do Ciclo de mediação

Descrição das 4 fases de comunicação

A situação educativa, nesse caso, está relacionada a uma interação que ocorre, em um primeiro momento, entre os educandos, e, depois, dá ensejo a uma intervenção do professor. A rigor, como o comentário não está relacionado com a

atividade proposta, não seria necessário considerar os detalhes sobre a diretividade do professor. No entanto, é preciso avaliar se a iniciativa de separar a turma por sexo não contribui, de alguma maneira, para a ocorrência do constrangimento. A aula de Educação Física pode ser vista como uma oportunidade para romper com as preferências grupais e favorecer a integração entre os educandos, logo, todo tipo de separação de grupos deve estar a serviço da construção de uma experiência de aprendizagem mediada significativa para os educandos.

É lógico que as diferentes formas de organização dos grupos possuem vantagens e desvantagens, logo, a inferência de que a separação da turma por sexo pode ter favorecido a ocorrência do constrangimento não é uma crítica a escolha do professor, mas, algo que deve ser levado em consideração como uma medida que pode prevenir a sua reincidência nas próximas aulas.

Outro aspecto a ser considerado é a alternância entre os grupos. Nas aulas de Educação Física, ao contrário das demais, a exposição social dos estudantes é muito maior. Enquanto nas demais disciplinas os estudantes permanecem sentados e, de vez em quando, tem que responder uma ou outra pergunta, na aula de Educação Física é preciso realizar movimentos e participar do jogo, situações nas quais o estudante fica sob o julgamento de todos em relação às suas habilidades.

Sendo assim, a mesma consideração realizada em relação à separação da turma por sexo pode ser feita para a dinâmica que deixa um grupo esperando enquanto outra executa a atividade: evitar essa exposição adicional é uma medida que pode ser utilizada para prevenir novas ocorrências de constrangimento.

A intenção do menino ao fazer o comentário jocoso, como também, a interpretação da Duda, não tem outro sentido além criar uma situação de embaraço e vergonha, logo, a única resposta que suscita é a repreensão e a punição, no sentido educativo de corrigir para reabilitar.

A repreensão do professor, é uma resposta apropriada e realizada no momento adequado, imediatamente. Como autoridade presente, a omissão, nesse caso, transmite uma mensagem, para todo o grupo, de consentimento velado, que não pode ser admitida no ambiente escolar, responsável exatamente pela formação de pessoas que tenham uma postura íntegra e cidadã.

Definição da direção do ciclo de mediação

A análise da direção do ciclo de mediação contribui para alertar sobre diversos detalhes a serem considerados nesse caso, tão delicado. Ao expressar essa preocupação, não queremos extrapolar indevidamente uma brincadeira de mau gosto, pois, corre-se o risco de expor o constrangedor a uma censura social que o transforma na próxima vítima. Por outro lado, não podemos perder essa oportunidade para abordar questões semelhantes, de forma a aprender um lição e gerar um amadurecimento para todos.

O primeiro ponto a destacar é que o constrangimento foi realizado em um ambiente social, logo, todos que o presenciaram, são coparticipantes. Se iniciativa do constrangedor não encontrasse respaldo na aprovação de alguns do grupo e na omissão de outros, o constrangimento não teria o mesmo efeito. É preciso considerar, portanto, que, se a ofensa foi cometida em um âmbito público, a repreensão deve ser realizada na mesma instância. Não é suficiente, portanto, repreender, em particular, o constrangedor.

Da mesma maneira, uma ofensa pública requer um pedido de desculpas em público, dirigido, em um primeiro momento, para a pessoa ofendida, mas também, para todos os demais, que terminaram envolvidos em algo que foi de sua iniciativa e, portanto, responsabilidade. A jocosidade é um expediente perverso que serve para camuflar uma atitude de constrangimento, que transparece para os outros como uma mera brincadeira.

Identificação da interrupção do ciclo de mediação

Nesse caso, a interrupção do ciclo de mediação ocorre quando Duda, ao sentir-se desrespeitada, evade da aula e fica privada da oportunidade de participar de uma experiência de aprendizagem partilhada. Como a negativa não é fruto de uma vontade pessoal, mas, uma atitude de preservação da integridade pessoal diante de um ataque injustificado, é preciso considerar se o educador não deve suspender a aula, para deixar claro para todos que, diante do conflito entre aprender conteúdos específicos ou aprender a ser e conviver, a escola deve primar pela educação do ser.

Análise dos recursos auxiliares: Experiência de Aprendizagem Mediada

Inversão da direção do ciclo de mediação

A inversão da direção do ciclo de mediação oferece novas perspectivas sobre essa situação educativa. Se na prática do constrangimento, a iniciativa foi do constrangedor, a inversão oferece à constrangida a oportunidade de compartilhar com o grupo, o que inclui o constrangedor, os sentimentos que a situação lhe provocou. Em seguida, é necessário que as pessoas compartilhem situações em que também se sentiram constrangidas e que todos pensem como se sentiriam se isso ocorresse novamente com eles ou com alguma pessoa que amam.

O professor pode também organizar uma roda de conversa e colocar a questão em discussão para que toda a turma tenha oportunidade de se manifestar e dizer: Qual deveria ser a atitude dele, como professor? Qual deveria ser a atitude do grupo diante de situações desse tipo? Qual deveria ser a atitude da pessoa constrangida? E assim por diante.

A inversão do ciclo de mediação convida os estudantes a assumirem uma posição diferente da habitual diante da situação. Essa experiência empática, que conduz todos os atores envolvidos na atividade educativa a se colocarem no lugar do outro, fornece elementos até então negligenciados, que contribuem para que cada um compreenda como o outro pensa e o que ele sente.

O desenvolvimento de uma inteligência relacional, que fundamenta o relacionamento interpessoal, é algo complexo que exige um amadurecimento moral, articulado com a capacidade de a pessoa transcender o seu próprio ponto de vista, para: (1) ver a si mesmo do ponto de vista do outro; (2) ver o outro do ponto de vista dele mesmo, e, (3) ver o outro do ponto de vista de outrem.

Regulação do nível de dificuldade

Nesse caso, a regulação do nível de dificuldade não está relacionada com a atividade a ser aprendida, mas, com o nível de intensidade da ofensa e com o nível de intensidade da repreensão. Na educação, principalmente com jovens, que atualmente convivem em um contexto marcado, de um lado, pela violência generalizada, e, de outro, pela luta em prol dos direitos humanos e sociais, a escola deve assumir uma posição clara diante desses conflitos.

A discussão em torno dos princípios que devem nortear as regras de convivência social pode ser desenvolvida de diversas maneiras e encontrar diferentes arranjos que, uma vez pactuados coletivamente, tem tudo para, a partir de uma vigilância constante, darem certo.

Quanto mais jovens os estudantes, no entanto, sem descuidar da necessária discussão, sugerimos que o nível de ofensa seja regulado no mínimo, ou seja, por menor que seja a ofensa, o processo que conduz à repreensão deve ser deflagrado. A repreensão, por sua vez, pode seguir uma graduação regulável de acordo com a avaliação da intensidade da ofensa, a pessoa e ao grupo.

Utilização de estratégias de motivação

A utilização de estratégias de motivação do educando pode contribuir para fortalecer a pessoa constrangida, de forma que ela aprenda a não se deixar ofender, independente do constrangimento que lhe é imposto. A principal estratégia para alcançar esse objetivo é o envolvimento empático-afetivo com o educando, supracitado.

Mobilização da atenção

A mobilização da atenção é uma estratégia que permite ao professor auxiliar a estudante a entender conceitos chaves para lidar com aquele tipo de situação. A experiência partilhada, quando professor e aluno atuam de forma cooperativa, corresponde ao momento de nossa conversa no banheiro, quando pude contar minhas experiências pessoais. Colocar-se no lugar da Duda, era uma maneira para ilustrar que muitos passam por esse ou por outros tipos de constrangimento e, por mais que desagradável que fosse, é preciso aprender a não se deixar atingir por essas falsas brincadeiras.

Da mesma maneira, a transcendência, recurso utilizado pelo professor para relacionar aquela situação em particular com experiências ou conhecimentos prévios da estudante, com a intenção de contribuir para que ela passe a ver aquela situação de uma outra maneira. Geralmente, nesses momentos, lembramos de algum filme ou história em que os personagens vivenciam situações negativas, mas, posteriormente, conseguem superar e não se deixar desanimar.

Análise de uma variável chave por uma teoria adicional

Identificação de variável chave p/ atividade educativa

Um dos componentes curriculares importantes da educação física escolar é convidar os estudantes para uma reflexão sobre os padrões estéticos da sociedade atual em relação ao corpo humano. As influências midiáticas exercidas sobre os jovens sobre o que belo, o que está na moda, o que devemos fazer com nosso corpo, devem ser alvo de uma análise crítica, a fim de evitar que atitudes se posteriormente se revelam inconsequentes e danosas.

Não é preciso fazer uma grande retrospectiva histórica para verificar as mudanças que ocorrem em relação ao vestuário, maneira de cortar os cabelos, uso de bijuterias e tantas outras tendências que foram consideradas bonitas e agora são “brega” ou feias.

Os padrões estéticos variam de acordo com o ambiente sociocultural em que o aluno está inserido, o seu ambiente familiar, os lugares que frequenta e tantas outras influências.

Por mais que o comentário do colega possa ser descrito como uma simples piada, mesmo que a intenção dele não fosse magoá-la, esse tipo de comentário nunca deve ser feito. As pessoas que estão fora do padrão estético costumam ter baixa autoestima, o que as deixa mais vulneráveis a esses tipos de piadas.

Além de estimular uma reflexão crítica capaz de quebrar os estereótipos de beleza da sociedade, é necessário trabalhar com a autoestima dos alunos para que eles entendam que cada pessoa possui características diferentes em todos os sentidos, uns são altos, outros baixos, uns magros, outros gordos, uns brancos, outros negros.

Considerações Finais

O objetivo do estudo foi, principalmente, analisar a ocorrência de um constrangimento social relacionado à padrões estéticos na aula de educação física escolar no intuito de estabelecer sua origem e como pode ser evitado ou diminuir seus efeitos sobre o aluno constrangido.

Lidar com comportamentos inapropriados é um grande desafio para os professores. A flexibilização educacional, no entanto, fornece um conjunto de conceitos que contribuem para que o professor identifique diversas possibilidades de lidar com a questão. Não temos condição de afirmar que as estratégias sugeridas serão eficientes, mas, a rigor nenhuma estratégia é eficiente em si mesma. A única maneira de checar sua eficiência é colocando-a em prática para avaliar os impactos que gera.

Esse é o nosso objetivo, contribuir para que os professores tenham alternativas didáticas para construção de experiências de aprendizagem mediadas que estimule o desenvolvimento dos estudantes.

Como uma síntese da discussão dos resultados, apresentamos as seguintes recomendações:

- que os professores ou futuros professores se comprometam na formação do aluno como um todo, corpo e mente. Buscando sempre dar o suporte para formar cidadãos críticos e conscientes.
- que os professores sejam estimulados a uma reflexão contínua sobre a sua ação educativa, de modo serem capazes de construir estratégias de mediação pedagógica que garantam a inclusão de todos e uma aprendizagem efetiva;
- que o compartilhamento de saberes e boas práticas entre os professores contribua para estimular a sua dedicação a uma análise crítica de sua ação educativa e a produção de conhecimentos pedagógicos;

Referências Bibliográficas

- CUNHA, A. C. B. da; FARIAS, I. M.; MARANHÃO, R. V. de A; **Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da experiência de aprendizagem mediada.** Rev. Bras. Ed. Esp., Set-Dez. 2008 v.14, n. 3, p.365-384.
- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação.** Capítulo 1, Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC, **Saberes e práticas da inclusão,** Secretaria de Educação Especial, Brasília, caderno 4, 2003.
- FEUERSTEIN, R.; FEUERSTEIN, S. **Mediated Learning Experience: A Theoretical Review.** In: FEUERSTEIN, R.; KLEIN, P.S.; TANNENBAUM, A.J. (Eds). **Mediated Learning Experience (MLE): Theoretical, psychological and learning implications.** London: International Center for Enhancement of Learning Potential (ICELP), 1991. p. 3-51.
- VYGOTSKY, L.; **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.